

EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NO RETORNO PÓS- PANDEMIA DE COVID-19

Adalgiza Arantes Loureiro (UEL)

Gisele Batista Rosa (UEL)

RESUMO: Este artigo apresenta a nossa experiência de estágio na segunda etapa do Ensino Fundamental, realizado no ano 2022 no contexto de retorno às aulas presenciais após quase dois anos de ensino remoto ocasionado pelas regras de combate à pandemia de COVID-19. O relato traz reflexões acerca dos sujeitos envolvidos neste processo: as estagiárias aprendizes, a professora regente das salas de aula em que fizemos estágio e as ações pedagógicas praticadas visando a adaptação ao contexto de retorno às aulas, tendo como fundamentação teórica da área didática e do ensino de língua materna Paulo Freire (2021), Gadotti (2000), Libâneo (2001), Possenti (1996) e Travaglia (1996).

PALAVRAS-CHAVE: estágio; retorno presencial; práticas pedagógicas.

1. Introdução

Neste artigo, propomos uma reflexão sobre a nossa experiência de estágio, levando em consideração os sujeitos envolvidos nesse processo, o contexto das turmas do 9º A e B e também do retorno às aulas presenciais depois de quase dois anos de atividade remota emergencial em virtude da pandemia de COVID-19 que limitava o convívio social.

O estágio supervisionado foi realizado em uma escola localizada na zona sul da cidade de Londrina, sendo desenvolvido em duas turmas de 9º ano da segunda etapa do Ensino Fundamental. Esse momento fez parte do estágio obrigatório como requisito parcial exigido aos futuros professores matriculados no terceiro ano do curso de Licenciatura em Letras Vernáculas, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), sob a supervisão do professor orientador Dr. Núbio Delanne Ferraz Mafra, e da professora regente dessas turmas, a qual já os acompanhava desde o período de ensino remoto.

No decorrer do estágio, as atividades que foram desenvolvidas, como a elaboração dos planos de aula e a orientação com o professor da disciplina de estágio e da professora regente, ocorreram em dupla formada pelas estagiárias Adalgiza Arantes Loureiro e Gisele Batista Rosa. Em relação à transposição didática, cada uma das estagiárias ficou em uma turma, por isso, as práticas observadas variaram conforme as necessidades de cada sala. O presente trabalho tem como objetivo evidenciar as características intrínsecas ao processo de

ensino-aprendizagem, as quais ultrapassam os conteúdos, abarcando esse processo formativo como inerente a todos os envolvidos nesta etapa do estágio: estudantes, professora regente e estagiárias.

Considerando as inúmeras mudanças ocorridas no âmbito da Educação Básica durante a pandemia de Covid-19, como a implementação do Aulas Paraná, e sua continuidade obrigatória mesmo após o retorno das aulas presenciais, deparamo-nos com a exigência por parte da Secretaria de Educação do Paraná (SEED) para a utilização dos slides pelo docente em sala de aula. Em contato com tais materiais, com os quais tivemos acesso, observamos conteúdos descontextualizados da realidade dos alunos, assim como a falta de relação ou conexão nas sequências de slides, os quais ficam disponibilizados no Registro de Classe Online (RCO).

Dessa forma, tal postura levou-nos a ponderar sobre a possibilidade de o processo de ensino-aprendizagem pautar-se no paradigma de ensino tradicional, o qual, na disciplina de Língua Portuguesa, restringe-se à gramática normativa, em que é priorizado apenas o ensino das regras gramaticais, sem considerar o contexto nas quais as relações comunicativas ocorrem entre os sujeitos. Situação que se agrava ao se considerar fatores que já se acumulavam, como o desgaste dos professores, somados à precarização da educação pública, os quais foram intensificados pós-covid-19, sendo explicitados tanto na apatia dos estudantes, quanto na defasagem de conteúdos em relação às suas respectivas séries. Motivo pelo qual realizamos uma revisão teórica apresentando algumas reflexões vivenciadas durante o estágio, em que a contextualização dos conteúdos teve importância central, em oposição ao ensino tradicional, assim como a importância da transposição didática voltada para a realidade do estudante.

Conforme demonstraremos o nosso plano de aula se orientou pela necessidade de buscar uma identificação do aluno com o conteúdo ministrado durante as dez horas de estágio: a leitura e a compreensão do gênero texto didático-científico e o estudo das figuras de linguagem prosopopeia, metáfora, aliteração, ironia, anáfora e hipérbole.

Como referenciais teóricos utilizamos os estudos de José Carlos Libâneo (2001), Paulo Freire (2017), Sírio Possenti (1996) e Luiz Carlos Travaglia (1996) que mostram a importância da reflexão acerca do processo de ensino-aprendizagem e da relação professor-aluno. Assim, destacamos, principalmente, a necessidade de pensar sobre essa etapa de

formação, fundamental nos cursos de licenciatura, de forma a contribuir tanto para a preparação do futuro professor quanto para o estímulo à apresentação de relatos de estagiários, colaborando com a formação de futuros professores da Educação Básica.

2. Experiências de estágio

Nos estágios com as turmas do 9º A e 9º B, as estagiárias utilizaram o mesmo plano de aula. Entretanto, as práticas em sala de aula divergiram, na medida em que a realidade de cada turma apresentou demandas diferentes. Dessa forma, descrevemos/comentamos de forma sintetizada algumas das características observadas em cada sala de aula.

No 9º A, poucos estudantes prestaram atenção no momento da exposição oral, pois, havia pouca interação em relação ao conteúdo e as conversas paralelas interferiram na explicação, por isso, a professora titular teve que fazer algumas intervenções para manter as condições necessárias para a aula prosseguir. E, conhecendo os seus alunos, sugeriu nesta turma aumentar a utilização de exercícios e trabalhos em dupla ou em grupo de três alunos. Essa orientação foi de grande importância para a explanação do conteúdo pretendido, possibilitando um contato mais próximo com os alunos, permitindo dialogar, mesmo com os menos interessados, sobre as questões para além do conteúdo. Apesar dessa aproximação, priorizou-se a discussão mais ampla para que não se perdesse a noção do coletivo.

No 9º B, as aulas desdobraram-se de forma mais tranquila, visto que este é o perfil da turma, segundo a professora regente. Dessa forma, os alunos manifestaram interesse, esclarecendo eventuais dúvidas no decorrer das aulas. Ao final, conseguiram estabelecer relação com os conteúdos explanados às suas experiências pessoais, relacionando-os ao seu cotidiano. Em relação aos demais tópicos estudados, como a importância da ciência em um sentido amplo, abrangendo as diversas áreas, como o campo das ciências humanas, cuja a área de estudo envolve, inclusive, os procedimentos didáticos, conforme foi exemplificado em sala de aula com os alunos.

Na realização de atividades, no contexto do 9º ano, observou-se, na finalização do plano de aula sobre o gênero artigo didático-científico, a partir da aplicação de exercícios (conforme anexos 1 e 2), destacou-se a importância da pesquisa científica e da autoria para uma observação crítica do que se lê. Outro aspecto importante foi a identificação da ideia principal e os argumentos que a sustentavam. Observou-se progresso entre os alunos nessa

questão, pois na realização dos exercícios demonstraram habilidade de argumentação em suas respostas.

No segundo tema, figuras de linguagem, já um pouco mais ciente das características da turma, as correções realizadas no plano de aula pelo orientador de estágio, o professor Núbio Delanne, foram decisivas para trazer exemplos mais próximos da realidade dos alunos e identificar os pontos importantes a explicar no curto espaço de tempo que faltava (quatro aulas), mais voltados para a utilidade da comunicação, do que propriamente às nomenclaturas das figuras de linguagem.

3. Os aprendizes

O estagiário é um aprendiz que vai para o chão da escola para conhecer a prática docente, na sala de aula, a partir dos conhecimentos obtidos durante a sua graduação. Embora esteja quase formado do ponto de vista formal, a partir da perspectiva do educador e filósofo Paulo Freire (2017) consideramos que o professor também é um sujeito aprendiz. Pois, há que se considerar que todos os sujeitos envolvidos na realização do estágio são aprendizes: os alunos, a escola que acolhe o estagiário e a professora regente. Dessa forma, no presente artigo enfatiza-se o professor estagiário e o aluno.

A percepção de que a realização do estágio é um processo de aprendizagem para todos os agentes envolvidos e a busca de equilíbrios no relacionamento entre esses sujeitos possibilitam um melhor aproveitamento para todos os envolvidos. Reconhecer a constante transformação dos saberes é fundamental para que todos se beneficiem. Moacir Gadotti (2000), doutor em ciência da comunicação, ao trazer os conhecimentos de Paulo Freire, afirma:

Conhecer não é acumular conhecimentos, informações ou dados. Conhecer implica mudança de atitudes, saber pensar e não apenas assimilar conteúdos escolares do saber chamado universal. Conhecer é estabelecer relações, dizia Piaget e Paulo Freire completava: saber é criar vínculos. O conteúdo torna-se forma. [...] Saber em educação é mudar de forma, criar a forma, formar-se. Educar-se é formar-se (GADOTTI, 2000, p. 3).

Essa afirmação aplica-se a todos os envolvidos no processo educacional: principalmente ao professor regente, o professor estagiário e os estudantes. Embora no estágio elabore-se o plano de aula conforme conhecimentos comuns orientados pelos documentos da Educação Básica, é fundamental a apropriação das metodologias que viabilizem a construção de vínculos com os alunos, pois diferentemente do momento da elaboração do plano, na sala de aula o aluno está presente. É nesse momento, que a leitura de mundo do professor e a do aluno confrontam-se, trazendo uma infinidade de informações, as quais não devem ser ignoradas, pois toda leitura que o sujeito realiza é atravessada por sua historicidade.

A afirmação segundo a qual todos são aprendizes no processo de estágio não significa dizer que todos desempenhem o mesmo papel, pois, cabe ao professor mediar o aluno no acesso ao conhecimento, relacionando suas experiências concretas ao saber e desenvolvendo o seu senso-crítico para que este ultrapasse as fronteiras dos conhecimentos que possui (LIBÂNEO, 2001).

Já o aluno também deve se posicionar como sujeito do ato de conhecimento, cumprindo o seu papel, reconhecendo o papel do professor como mediador, mantendo a relação pedagógica e a noção do aprendizado enquanto pertencente a um grupo e não um sujeito isolado.

4. O contexto

A realização do estágio no período pós-pandemia Covid-19, mostrou-se uma realidade difícil para todos os envolvidos: estagiários, alunos e professora da turma.

Os estagiários não realizaram as observações, de forma presencial, das turmas que iriam estagiar. Essa etapa foi substituída por atividades de observação do programa Aulas Paraná; observação de eventos anteriores, como os minicursos desenvolvidos no Estagiar – Encontro de Estagiários de Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, da UEL, e observações de filmes com temática educativa. Todas essas atividades proporcionaram discussões muito ricas e proveitosas, mas, não substituíram o contato real com a sala de aula.

Quanto aos alunos, após quase dois anos de aulas remotas, retornaram às aulas presenciais em fevereiro de 2022, sendo prejudicados, tanto no processo de aquisição dos conteúdos, quanto nos aspectos relacionados à socialização e psicológicos. Pois, o período de

aulas remotas durante a pandemia foi de grande pressão para todos, e, o isolamento social trouxe inúmeras consequências, conforme os dados trazidos pela pesquisa realizada pelo Instituto Ayrton Senna com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo:

A pesquisa mostra que 33% dos estudantes dizem hoje ter dificuldades de concentração sobre o que é transmitido em sala de aula; outros 18,8% disseram se sentir ‘totalmente esgotados e sob pressão’; 18,1% disseram ‘perder totalmente o sono devido às preocupações’ e 13,6% relataram ‘a perda da confiança em si mesmo’ (AGÊNCIA SENADO, 2022).

Esses dados foram observados nas turmas do 9º A e 9º B, nas quais a concentração precisava ser estimulada constantemente. Assim como, a perda de confiança também era evidente, pois a realização de tarefas simples, como responder se o texto continha ideias, causavam insegurança quanto ao que dizer. Dessa forma, alguns se mostraram apáticos, necessitando de uma aproximação para retornarem ao presente.

Já a professora titular da turma, também administrava as suas dificuldades após perdas em sua família e um período de licença, restabelecendo os seus vínculos com a turma gradativamente, mas com firmeza, equilibrando o aspecto da sensibilidade em relação às dificuldades dos alunos.

Esse cenário exigiu um cuidado maior no relacionamento com os alunos, contando com a professora titular para entender o comportamento deles, o qual foi fundamental para a realização da sequência de aulas e direcionamentos na explanação dos conteúdos.

5. Conteúdo para além da gramática normativa

Tendo em vista as características observadas nos alunos e já mencionadas, tivemos o cuidado de não fazer da transmissão pura e simples de conteúdo uma realidade. No caso da disciplina de Língua Portuguesa, com sua gramática repleta de regras isso seria uma saída, até certo ponto confortável, para o contexto no qual todos os envolvidos foram afetados de alguma forma.

Nesse sentido, convém trazer o estudo de Sírio Possenti, mostrando que o ensino de gramática baseado apenas em regras pode aumentar a insegurança do aluno quando ele não as assimila, pois:

Seguindo-as, os falantes são avaliados positivamente (na vida social e na escola). Violando-as, os falantes tornam-se objeto de reprovação (são considerados ignorantes e não dignos de passar à série seguinte na escola, por exemplo) (POSSENTI, 1996, p. 73).

No caso das aulas ministradas na experiência de estágio aqui analisada, ao trazer o estudo das figuras de linguagem, mesmo que as regras sejam numerosas, o enfoque dado à utilização dessas figuras, a partir da comunicação presente no cotidiano, contribuiu para aproximar esse conteúdo da realidade dos alunos.

Seguindo a proposta de aulas mais interativas, os conteúdos propostos, como os exemplos utilizados a partir da análise da música “O sol” de Vitor Kley, despertou o interesse dos alunos, pois esta canção é contemporânea a eles, aproximando o tema da aula à vida real. A figura ironia foi exemplificada com uma fala do conhecido jogador Neymar. Na última aula, os alunos mostraram que esse tipo de linguagem foi a mais assimilada por eles. Essas atividades auxiliaram para amenizar um antigo conflito dentro da sala de aula criado pelo questionamento dos alunos: “por que vou aprender isso?”.

O uso dessa didática considerou a concepção de linguagem segundo a qual pode-se colocar em prática os conhecimentos adquiridos dentro do próprio processo de interação comunicativa entre interlocutores, levando-se em consideração o contexto e as ideologias do falante. (TRAVAGLIA, 1996).

6. Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo destacar a importância da reflexão acerca do processo de formação, pensando no movimento de ensino-aprendizagem da perspectiva do futuro profissional, visto que se trata de uma análise do estágio obrigatório que realizamos durante a graduação. Nessa perspectiva, este relato pode contribuir para a formação acadêmica de futuros profissionais da área de educação.

A leitura dos textos teóricos da área da educação e ensino de língua vernácula, assim como as orientações com os professores Núbio e da professora que nos recebeu no espaço escolar, contribuíram para que a realização do estágio pós-Covid-19, ocorresse de forma

satisfatória, sendo uma experiência essencial para a nossa formação enquanto futuras professoras da Educação Básica.

Observou-se que o conteúdo planejado e aplicado nas duas turmas de nonos anos, em cada uma delas, o processo de transposição didática ocorreu de forma diferente, sendo este adaptado conforme as necessidades observadas em suas respectivas turmas.

A partir dos apontamentos feitos durante o estágio evidencia-se a importância de pensar sobre os envolvidos no processo: o aprendiz estagiário, a universidade, a escola e os alunos. Assim como é imprescindível pensar o contexto, nesse caso específico, de retorno presencial, pois observa-se que há necessidade de atenção especial para que o conteúdo não seja trabalhado de forma descontextualizada da realidade dos alunos.

Referências Bibliográficas:

AGÊNCIA SENADO. Senado notícias, 2022. *Pandemia prejudicou condição psicológica de estudantes, mostra pesquisa*. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/05/30/pandemia-prejudicou-condicao-psicologica-de-estudantes-mostra-pesquisa#:~:text=A%20pesquisa%20mostra%20que%2033,da%20confian%C3%A7a%20em%20si%20mesmo%22>. Acesso em: 01 jun.2022.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam: Volume 22*. São Paulo: Cortez, 2017.

GADOTTI, Moacir. *Saber aprender: um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação*. São Paulo: Cortez, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1996, 95 p.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação – uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.

Anexo 1

Leia o texto "O primeiro amor é vivido em fantasia", de Flávio Gikovate.

Como regra geral, nosso primeiro grande amor é uma espécie de sonho. A pessoa que desperta em nós todo o sentimento, toda a vontade de agradar e de se dedicar nos mínimos detalhes, toda a vontade de se aconchegar e ser aconchegado, na maior parte das vezes nem sabe do nosso amor por ela. Não temos coragem de contar, pois morremos de medo da rejeição. Não queremos também, contudo, a aceitação, pois isso nos levaria a um relacionamento real para o qual não estamos preparados. Ou seja, não contar interessa nos dois casos. Se algum amigo superíntimo fica sabendo e faz alguma brincadeira a respeito, ficamos com o rosto vermelho, negamos tudo e fingimos indignação. A outra pessoa, a amada, fica sem saber se é gozação ou se é verdade. Melhor assim. Tudo se passará apenas na cabeça da gente, longe dos riscos da vida real.

No sonho é claro que somos correspondidos. Beijamos e somos beijados. Beijos de ternura. O sexo, na maioria dos casos, está em segundo plano. Passeamos, de mãos dadas, por jardins floridos. Sentamos na grama e nos olhamos com olhar de enlevo próprio do encantamento amoroso. Dizemos coisas bonitas para o outro, falamos das virtudes do outro. Não cansamos de elogiar a pessoa amada.

Se pensamos bem, o sonho romântico não é muito criativo. Quase sempre é a mesma história. As variações são mais de cenário e figurino: uns preferem a montanha, outros a praia. Uns preferem saias rodadas, outros as calças jeans. O amor é o prazer da companhia, os elogios que esse prazer costuma trazer para nossos lábios, e também a insegurança - o medo de perder a pessoa que nos traz toda a felicidade. Assim sendo, uma parte do discurso é de reassuramento: "Vou amar você para sempre. Vou dizer toda hora que amo você. Se você me largar, eu morro" etc. Sempre que vivemos o amor, o fazemos como se estivéssemos vivendo uma história extraordinária. A verdade, no entanto, é que é uma "história extraordinária" exatamente igual a todas as outras histórias de amor! E isso não faz mal algum porque é bom do mesmo jeito!

GIKOVATE, Flávio. Namoro: relação de amor e sexo. São Paulo: Moderna, 1993.

CONHECENDO O AUTOR

Flávio Gikovate

Era psiquiatra, psicoterapeuta e escritor brasileiro. Nasceu em São Paulo, em 11 de janeiro de 1943, e morreu também em São Paulo, em 13 de outubro de 2016. Gikovate escrevia regularmente sobre comportamento para jornais de grande circulação e revistas, além de falar com frequência sobre esse tema em programas de televisão. Nos últimos trinta anos, escreveu vinte e cinco livros sobre questões relacionadas à vida social, afetiva e sexual e seus reflexos na sociedade, também publicados em língua espanhola.

Algumas de suas obras: *As drogas: opção de perdedor* (1981); *Vício dos vícios* (1987); *Homem: o sexo frágil?* (1989); *Namoro: relação de amor e sexo* (1993); *A arte de educar* (1998).

Anexo 2

Perguntas do livro didático:

1. Com que intenção esse texto foi escrito?
2. É possível afirmar que se trata de um texto que expõe ideias? Por quê?